

Da identidade cultural ao sentimento de lugar no conto *O rastro do teu sangue na neve* de García Márquez / *From cultural identity to the feeling of place in “the tale the trail of your blood in the snow” by García Márquez*

*Aldenora Márcia Belo Pinheiro-Carvalho **

Mestrado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA São Luís, Maranhão, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-1472-9228>

*Maria Angélica Oliveira ***

Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Campina Grande, Paraíba, Brasil.

Recebido em 31 set. 2019. **Aprovado** em: 11 nov. 2019.

Como citar este artigo:

CHAVES P. CARVALHO, Aldenora M.; DE OLIVEIRA, Maria Angélica. Da identidade cultural ao sentimento de lugar no conto *O rastro do teu sangue na neve* de García Márquez. *Revista Letras Raras*, Campina Grande. v. 8, n. 4, dez. 2019, p. Port. 168-184 / Eng. 157-174. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Nas últimas décadas, as pesquisas voltadas para as investigações acerca das identidades dos sujeitos na Modernidade tardia ganharam grande visibilidade no campo das Ciências Humanas e Sociais, graças às abordagens que modificaram as perspectivas e fronteiras conceituais acerca do sujeito, das identidades, dos processos culturais e demais temáticas pertinentes à pós-modernidade. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se por ser um trabalho de natureza bibliográfica e objetiva analisar as marcas da identidade cultural e o sentimento de não-pertencimento do sujeito desterritorializado representado pela personagem Billy Sánchez no conto hispano-americano *O rastro do teu sangue na neve* (2009), do colombiano García Márquez. Embasadas nos pressupostos teóricos dos estudos culturais e dos estudos discursivos, pretendemos identificar, a partir dessa análise, as principais acepções acerca de conceitos como: lugar e não-lugar, sentimento de pertencimento e necessidade de reconhecimento presentes no conto supracitado. Tomaremos os instrumentos teóricos trabalhados por Hall (2006), Canclini (2008), Augé (2007), Bhabha (2010), Pesavento (2008) e, no campo literário, García Márquez (2009), dentre outros. Os resultados iniciais apontam para a efetiva percepção de pares organizadores dos conflitos nas ciências humanas e sociais quando da análise do conto em estudo

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Identidade. Lugar/não-lugar. García Márquez.

ABSTRACT

In the last decades, research on the identities of subjects in late Modernity has gained great visibility in the field of Human and Social Sciences, thanks to the approaches that have modified the perspectives and conceptual

*



herabello@hotmail.com

**



mariangelicasr@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i4.1349>

boundaries about the subject, identities, cultural processes and other themes pertinent to postmodernity. In this sense, this article analyzes the marks of cultural identity and the feeling of non-belonging of the deterritorialized subject represented by the character Billy Sánchez in the Hispano-American tale *The trail of his blood in the snow* (2009) by the Colombian writer García Márquez. Based on the theoretical assumptions of cultural studies and discursive studies, we intend to identify, from this analysis, the main meanings about concepts such as: place and non-place, feeling of belonging and need for recognition present in the above-mentioned story. We will take the theoretical tools worked by Hall (2006), Canclini (2008), Augé (2007), Bhabha (2010), Pesavento (2008) and, in the literary field, García Márquez (2009), among others.

KEYWORD: Subject. Identity. Place/non-place. García Márquez.

1 Introdução

A morte dos outros me afeta:
o seu morrer, a sua morte
são parte da minha vida,
são marcos ao limite último.

(Joan Reventós, *A morte concreta*, 2008)

O texto literário, também como materialidade discursiva, situado no espaço da verossimilhança, compõe-se sempre na relação com o real, seja para ratificá-lo, negá-lo, suplantá-lo ou metamorfoseá-lo. A literatura recria os mundos, reconstrói a experiência do vivido *ad infinitum*, mas é no espaço do real, no cotidiano, que ela encontra o que lhe é essencial: a cultura, a história e a memória de um povo. Na (re)invenção do real, segundo Sandra Pesavento (2002, p. 40), “a Literatura é o domínio da metáfora da escrita, de forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além”, enunciando e denunciando as identidades/identificações fundadas nas relações humanas. Conscientes desta relação entre o real e o ficcional constitutiva da obra literária e por ela motivadas, pretendemos, no presente artigo, analisar, numa perspectiva dos estudos culturais, as marcas da identidade do sujeito – na personagem Billy Sánchez – do conto *O rastro do teu sangue na neve*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez publicado na obra *Doze contos peregrinos* (2009). Uma vez abordada a questão da identidade cultural, propomos também, analisar dentre as características culturais relativizadoras do processo de representação cultural, ‘o sentimento de lugar’ que subjaz no conto hispano-americano em estudo.

Estabelecidos em meio aos instrumentos teóricos supracitados, os conceitos de identidade podem ser compreendidos a partir de sua complexidade, uma vez que vincula diferentes acepções acerca do indivíduo e de suas relações com a sociedade na qual está inserido. Nesse sentido, partindo dos conceitos de identidade propostos por Hall (2006), Canclini (2008), Bhabha (2010) e Pesavento (2011), podemos afirmar que as investigações, os debates e os questionamentos sobre identidade estão cada vez mais dilatados e fluídos no que tange aos

Estudos Culturais e aos Estudos do Discurso. Nessa lógica, não é possível estabelecer uma acepção comum que legitime a ideia de haver uma identidade fixa. Nessa perspectiva, alude-se ao conceito de identidade como uma construção móvel, fragmentada, transitória, social, histórica e ideológica, vinculada, segundo Silva (2000, p. 97), a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação. Essa característica transitória das identidades pode ser explicada pelo fato de que, como afirma Pesavento (2008):

As identidades são fabricadas, inventadas, o que não quer dizer que sejam, necessariamente, falsas. As identidades, enquanto sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. Identidades asseguram e confortam, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. Identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e momentos. (PESAVENTO, 2008, p. 4)

Portanto, ainda de acordo com Silva (2000, p. 79), as identidades “não podem ser compreendidas [...] fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”. Na contemporaneidade é comum a concepção de identidades múltiplas e plurais ou mesmo identificações. Por esse ângulo, Coracini (2003) constata que:

Apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação. Assim, em vez de falar de identidade como algo acabado, deveríamos vê-la como um processo em andamento e preferir o termo identificação, pois só é possível capturar momentos de identificação do sujeito com outros sujeitos, fatos e objetos. (CORACINI, 2003, p. 243).

Diante do exposto, destacamos também que, a partir de tais pressupostos, a noção de identidade(s)/identificação demanda estabelecer outra discussão dentro de um mesmo plano: a diferença entre identidade nacional e identidade cultural. Discussão esta proposta no item que segue.

2 Identidade nacional *versus* identidade cultural

Dentre as contribuições teóricas do pensamento de Stuart Hall (2006) está a proposição das três concepções do sujeito. Numa tentativa de descrever a evolução do conceito de

identidade, o teórico cultural e sociólogo jamaicano estabelece três concepções acerca do sujeito na modernidade, quais sejam: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Na concepção iluminista, o sujeito é concebido como indivíduo centrado, dotado de razão, isto é, consciente de sua ação, sendo ele próprio, o centro do eu. Já na concepção de sujeito sociológico, o centro do eu passa a ser formado na relação com outras pessoas, assim, a identidade é formada por meio da interação entre o eu e a sociedade. Dessa forma, o sujeito fica preso à estrutura social estabelecida, que inclui os processos e expressões socioculturais com os quais essa identidade encontra-se atrelada. Na concepção de sujeito pós-moderno, o indivíduo não apresenta uma identidade fixa; tal ausência permite uma variação identitária de acordo com as formas pelas quais ele é representado nos sistemas culturais. É a partir dessa concepção de sujeito pós-moderno que se funda compreensão fragmentária de identidade/identificação.

Portanto, para Hall (2006), o sujeito pós-moderno é identificado como um ser fragmentado, desprovido de uma identidade definida, essencial ou permanente. Isto é, trata-se de um indivíduo que adquire identidades diferentes de acordo com o momento estabelecido e com o resultado das vivências dentro de uma determinada comunidade cultural. Para Hall, nessa configuração, o sujeito está formado por identidades contraditórias e, assim, as identificações estão continuamente sendo deslocadas em função de diversos elementos, quais sejam: elementos nacionais, culturais, de gênero, étnicos, de classe social, de confissão religiosa e de várias outras identidades que constituem o sujeito fragmentado na modernidade tardia.

Para abordarmos sobre a temática do sentimento de “lugar” e, por extensão, do sentimento de pertencimento ou territorialização, recorreremos aos estudos contemporâneos de Hall (2006), sobre as culturas nacionais concebidas como comunidades imaginadas. Nesse aspecto, o sociólogo estabelece um importante conceito acerca das culturas nacionais, ou seja, para ele, na modernidade tardia, as culturas nacionais em que os indivíduos nascem, terminam por se constituir em uma das fontes essenciais quando da formação da identidade cultural. Ele acrescenta:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p.47)

Nessa perspectiva, entendemos que, quando da ausência de um sentimento de identificação nacional, o sujeito, na modernidade tardia, permanece mais suscetível a um profundo sentimento de perda individual, dada as construções históricas e, por conseguinte, toda a materialidade resultado dessa construção que o forjaram. Podemos compreender então, que o principal argumento de Hall (2006), é de que as identidades nacionais não são apenas traços com os quais já nascemos, ao contrário, são elementos constitutivos, forjados dentro de uma representação cultural e que são responsáveis pela reprodução de tais traços. Dessa forma, podemos compreender a proposição do autor quando afirma que uma nação não pode ser considerada exclusivamente como uma entidade política, antes, como um meio “que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional”. (HALL, 2006, p. 49).

Ora, nesse aspecto não há como pensar as culturas nacionais como elementos definitivamente estanques e, por extensão, integrados. Numa acepção mais fluída, alguns elementos ou características culturais como a língua, a crença, as tradições, a memória e o ‘sentimento de lugar’ podem ser mencionados quando da representação de um único povo, desde que tais elementos possam ser partilhados por todos. Dessa forma, chegamos à dimensão epistemológica do pensamento do autor quando este afirma que “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”. (HALL, 2006, p. 62)

Historicamente, a ideia de nação/nacionalismo surgiu no Século XVIII, na Europa para assinalar a identidade de um determinado povo, sua língua, religião, costumes, tradições e demais características culturais. Durante os cinquenta anos do Liberalismo que vigorou na Europa, entre 1830 e 1880, foram estabelecidos critérios que permitiram a classificação de determinado povo como nação, quais sejam: a) a associação histórica com um Estado já existente, b) a existência de uma elite cultural com vernáculo administrativo e literário escrito e c) a capacidade para a conquista de outros povos e, por conseguinte, sua expansão política e territorial. Isto é, para que um povo se constituísse como nação, era preciso que já houvesse um Estado organizado, com língua e cultura comuns estabelecidos, e, também, da presença de uma força militar.

Nessa compreensão, o conceito de identidade nacional faz com que todas as diferenças que existem na esfera particular da nação se tornem homogêneas, estabelecendo, assim, um discurso de unidade de um povo unificado em torno de ideais comuns, com uma língua, uma

cultura e outros elementos essenciais para se constituir e manter uma identidade nacional. Por essa razão, Charles Taylor (2004), propôs o conceito de necessidade de reconhecimento “da nação que se forma, em relação a dois interlocutores: seus integrantes, que devem interiorizar essa ‘alma nacional’ que lhes foi ensinada, e os Estados, já estabelecidos, que devem respeitar essa nação”. (FIGUEIREDO; NORONHA (2005); apud TAYLOR, 2005, p.52). Nessa perspectiva, tal como ocorre no nível individual, a identidade coletiva se forma pelo dialogismo, e, dessa maneira, a necessidade de reconhecimento de tais aspectos, concorre para a concretização do processo de criação de uma identidade nacional.

Enquanto nos Séculos XVIII e XIX houve uma predominância da identidade baseada no Estado-Nação, no século XX, com o fim da noção de nacionalidade, surgiu o espaço para uma discussão acerca dos particularismos, isto é, daqueles elementos que transcendem o nacional e permanecem exclusivamente na esfera do indivíduo. Entendemos então, que a ideia de identidade nacional não corre o risco de desaparecer, antes, deixa de ser a única referência para a compreensão das novas identificações. Porém, o processo que leva à construção de uma identidade nacional sempre será permeado por contradições e, assim, “nada de mais internacional que a formação de identidades nacionais”. (FIGUEIREDO; NORONHA apud THIESSE, 2005, p. 288).

Ora, baseados nesse entendimento, podemos considerar a identidade cultural como aquelas identificações que não se apoiam em um Estado-Nação, antes, no sentimento de pertencimento a uma cultura comum. Nessa esfera – identidade cultural – são desconsideradas todas as referências geográficas, posto que nessas identificações permaneça exclusivamente uma forte tendência à transnacionalização dos elementos culturais – raça, etnia, gênero, religião – determinando, unicamente, um patrimônio comum para difusão. Segundo Noronha e Figueiredo (2005),

Isto implica na revisão histórica e no questionamento da cultura hegemônica, que não os incluiu, na busca de antepassados, na criação de uma linhagem, na escolha de símbolos e até mesmo, por vezes, no estabelecimento, senão de uma língua, ao menos de uma linguagem. (NORONHA; FIGUEIREDO, 2005, p. 200)

Nesse sentido, quando levamos em consideração, os processos de construção de uma identidade coletiva, nacional ou cultural, sempre estará instituída a necessidade de um padrão de pensamento limitado em tal construção, – um modelo com um mesmo fim – isto é, trata-se da exigência de reconhecimento.

Dessa maneira, constitui-se uma distinção entre a iminente necessidade de reconhecimento por parte de sujeitos pertencentes a determinadas culturas e a exigência de tal reconhecimento e, essa diferença estabelece uma argumentação básica quando da compreensão dos conceitos de identidade nacional e identidade cultural. Nesse aspecto, destacamos a ideia que “ambas são movimentos que estão próximos pelo fato de serem construtos fundamentados em categorias no fundo muito semelhantes” (NORONHA; FIGUEIREDO, 2005, p. 200). Ou seja, sem a ideia de existência a partir do Estado-Nação, toda e qualquer organização de símbolos que constituem as identidades culturais se configura no sentido de constituir uma ‘comunidade imaginada’, não factível no plano da materialidade. Comunidade esta que vai ser efetivamente determinada de acordo com o conceito mais amplo de cultura ou, ainda, o conceito mais restrito de raça, etnia ou gênero. Nessa compreensão, passemos, pois, à análise das marcas da identidade cultural e do sentimento de não-pertencimento da personagem Billy Sánchez.

3 Billy Sánchez: da identidade cultural à desterritorialização do sujeito

Mas, por vezes, na centralidade das cidades modernas, é um Teseu sem o fio de Ariadne para a volta que se vê obrigado a enfrentar o monstro. Por vezes, este fio se perdeu, e com ele a decifração dos segredos do centro. Decifrar a cidade, eis o desafio.

(Sandra Jatahay Pesavento, 2008)

Reunidos ao longo de anos, os contos que compõem a obra *Doze contos peregrinos* (2009), de Gabriel García Márquez (1927-2014) são, provavelmente o resultado de suas próprias “peregrinações”, ou melhor, de suas experiências culturais vivenciadas durante as inúmeras viagens internacionais do escritor colombiano pela Europa e pelas Américas. O título também expressa o conteúdo abordado nos contos quando da descrição de elementos triviais e componentes da paisagem que o autor provavelmente havia visitado. No plano descritivo, a obra: *Doze contos peregrinos* reúne histórias de latino-americanos que vivem fora de seu território, mas que mantêm profunda relação e sentimento de pertencimento à terra natal, buscando preservar “sua” identidade cultural.

No décimo segundo conto, *O rastro do teu sangue na neve*, objeto de nosso estudo, García Márquez descreve a emocionante história do jovem casal Billy Sánchez e Nena Daconte

que, após suas núpcias, viajam em lua de mel para Europa em uma longa jornada de automóvel partindo de Cartagena de Índias na Bolívia, com destino à Paris. No início da viagem de lua de mel, em uma recepção diplomática, Nena recebera do casal de embaixadores, que os receberam em Madri, um ramo de rosas. Esse incidente trivial e aparentemente sem importância desencadeia o fio que conduzirá toda a narrativa no que tange ‘a peregrinação’ do jovem Billy Sánchez em terras estrangeiras.

De acordo com o narrador intradieético, ambos, Billy e Nena, procedentes de famílias aristocráticas, “pertenciam à estirpe provinciana que manejava ao seu arbítrio o destino da cidade desde os tempos da colônia”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 227). Porém, apesar do padrão e modelo socioeconômico muito semelhante, Billy e Nena apresentam pares de oposição no tocante à personalidade e ao padrão de pensamento. Segundo o narrador, Billy Sánchez era o típico rapaz rico de família abastada, também conhecido por seu comportamento ‘bandoleiro’, ao passo que Nena Daconte era uma moça culta que “falava quatro idiomas sem sotaque”, com um “domínio magistral do sax-tenor”. Na esfera emocional, Nena Daconte e Billy Sánchez, cada um a seu modo, apresentam ao leitor marcas comportamentais bem contíguas, ambos são extravagantes e demonstram extrema avidez pela vida.

Se levarmos em consideração dois planos: a formação rigorosa dispensada pela família à jovem Nena e, a educação paradoxalmente indolente recebida por Billy Sánchez, teremos o principal argumento quando do estabelecimento da relação afetiva entre ambos. O jovem Billy apresenta como principal marca identitária a ausência dos cuidados paternos somados à indiferença materna, da mesma forma que Nena, posto que esta crescera longe dos laços familiares, uma vez que sempre estudara longe de casa, em escolas na Europa.

O primeiro e inusitado encontro entre as personagens Nena e Billy já indica o diapasão da relação amorosa que se estabelecerá entre os jovens. Nena havia acabado de regressar do internato de *La Châtellenie* em Saint-Blaise, na Suíça, onde estudara nos últimos anos. Aos dezoito anos de idade demonstrava uma maturidade desconcertante diante das situações mais controversas. Foi essa maturidade que fez com que o então bandoleiro Billy Sánchez mudasse de comportamento a partir do dia em que, juntamente com seu bando, invadiu o vestiário feminino no balneário de Marbella onde Nena se encontrava. Vejamos a sequência discursiva¹ (SD1), em que o narrador nos conta o evento do “primeiro encontro” desse inusitado casal:

¹ Sequências Discursivas (SD): sequências em que o discurso materializado na linguagem torna-se enunciado material, gerado a partir da interpelação do indivíduo em sujeito.

SD1: A única coisa que vestia era uma cueca exígua de falsa pele de leopardo [...]. Nena Daconte permaneceu em pé, imóvel, sem fazer nada para ocultar sua nudez intensa. Billy Sánchez cumpriu seu ritual pueril: baixou a cueca de leopardo e mostrou-lhe seu respeitável animal erguido. Ela olhou-o de frente e sem assombro. – Vi maiores e mais firmes – disse, dominando o terror. – Portanto, pense bem no que você vai fazer, porque comigo vai ter que se comportar melhor que um negro.

Na verdade, Nena Daconte não apenas era virgem, como nunca até aquele momento havia visto um homem nu, mas o desafio acabou sendo eficaz. A única coisa que ocorreu a Billy Sánchez foi disparar um murro de raiva contra a parede com a corrente enrolada na mão, de despedaçou os ossos. Ela levou-o em seu automóvel para o hospital, ajudou-o a superar a convalescença, e no final aprenderam juntos a fazer o amor de boas maneiras. (MÁRQUEZ, 2009, p. 227, 228).

De acordo com o narrador que nos relata os fatos, em primeira pessoa, como podemos ver nestas SDs:

SD2: O funcionário que o havia recebido na embaixada *me disse* anos mais tarde que ele mesmo recebeu o telegrama de sua chancelaria uma hora depois de Billy Sánchez ter saído de seu escritório, e que andou procurando-o pelos bares sigilosos do Faubourg St. Honoré. *Confessou-me* que não tinha prestado muita atenção quando o recebeu, porque nunca teria imaginado que aquele costinho atordoado pela novidade de Paris, e uma jaqueta de cordeiro tão mal posta, tivesse a seu favor uma origem tão ilustre. (MÁRQUEZ, 2009, p. 251).

SD3: Nena Daconte internou-se às 9:30 da terça 7 de janeiro, conforme pude comprovar anos depois nos arquivos do hospital. (MÁRQUEZ, 2009, p. 239).

A partir desse encontro, Nena Daconte e Billy Sánchez iniciaram uma relação amorosa intensa e voluptuosa. A intimidade entre o casal é narrada numa atmosfera de cumplicidade, sofreguidão e amor obstinado. Assim, “todos os dias, durante semanas, rolaram nus debaixo do olhar atônito dos retratos de guerreiros civis e avós insaciáveis que os haviam precedido no paraíso daquela cama histórica. Mesmo nas pausas do amor permaneciam nus”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 229). Na narrativa, percebemos que o relacionamento de Nena e Billy promovia, amiúde, o estabelecimento de uma identificação entre ambos que ultrapassava as fronteiras do comportamento afetivo. Durante a narrativa, a construção da personagem Nena Daconte denuncia uma identidade de mulher forte, decidida e corajosa. Uma mulher pronta para enfrentar os desafios que a vida oferece. Ao passo que Billy Sánchez é identificado com a imagem de um homem grosseiro, pouco instruído, mas corajoso, sem iniciativa, além disso, preso às futilidades que o dinheiro pode comprar.

Por sua identificação de uma mulher experiente, madura e decidida, Nena Daconte seria uma espécie de bússola emocional nas decisões do casal. Daí a ideia de passarem a lua de mel em Paris, a capital francesa que ela já conhecia bem, o que garantiria uma segurança emocional quando da permanência do casal latino-americano em território estrangeiro. Porém, o ferimento no dedo de Nena, causado pelo espinho da rosa no momento em que recebeu o buquê, mudou os planos da viagem à chegada em Paris.

3.1 Em terra estrangeira: o ‘não-lugar’

Quando consideramos as polaridades narradas no conto de García Márquez, destacamos que o antropólogo francês Marc Augé (2007) propôs uma distinção entre ‘lugares’ e ‘não-lugares’. Para ele, o ‘não-lugar’ indica uma oposição ao lar, à moradia, ou seja, ao lugar personalizado do sujeito ao qual este já estabeleceu uma relação de identificação e segurança emocional. Partindo desses pressupostos, observamos que as concepções de ‘lugar’ e ‘não-lugar’ são oposições transitórias, portanto, fluídas, uma vez que a ideia de ‘lugar’ nunca é completamente extinta e a de ‘não-lugar’ nunca se concretiza inteiramente. Nesse sentido temos que:

Por trás da ronda das horas e dos pontos fortes da paisagem, encontramos, na verdade, palavras e linguagens: palavras especializadas da liturgia, do ‘antigo ritual’, em contraste com aquelas da oficina ‘que canta e tagarela’; palavras também de todos os que, falando a mesma linguagem, reconhecem que elas pertencem ao mesmo mundo. O lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores. (AUGÉ, 2007, p.73)

Nessa perspectiva, podemos elencar que no que tange à obra de García Márquez, o acesso aos códigos da linguagem é o primeiro elemento evidenciado no conto, que concorre para desterritorializar a personagem Billy Sánchez, enquanto latino-americano. Quando retomamos a narrativa, observamos que ao chegarem à Paris, Nena Daconte já estava muito debilitada em decorrência do sangramento abundante no dedo anelar. Já em Paris e ainda consciente, Nena consegue orientar Billy, descrevendo o trajeto até um hospital de emergência da capital francesa. O agora estrangeiro Billy não compreende os símbolos locais, os códigos visíveis que organizam a vida da cidade, nem reconhece a linguagem, isto é, Billy não comunga de uma espécie de troca de senhas culturais, na intimidade e cumplicidade cultural dos sujeitos à sua volta.

Dentro dessa configuração, podemos mencionar a existência de um outro aspecto a ser considerado; aquele que trata da distinção proposta pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1983), entre ‘espaço’ e ‘lugar’. Tuan estabelece seus pressupostos teóricos sobre o campo da Geografia Humanista numa relação de aproximação entre ambos ‘espaço’ e ‘lugar’. Assim, “espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. [...] O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. (TUAN, 1983, p. 03).

Ora, observamos no conto, que a partir do momento em que Nena Daconte é internada no hospital de emergência, o latino-americano Billy Sánchez, seu marido, encontra-se só e desterrado, desterritorializado, afastado de seu lugar e seu espaço. O sentimento de não-lugar e não-pertencimento se evidencia quando ele tenta estabelecer diálogo efetivo com outras pessoas e não consegue pelo fato de não conhecer a língua local, nem tampouco os códigos culturais, como podemos constatar nas SD transcritas abaixo:

SD2: Lá conseguiram, por fim, um asturiano de plantão que o ajudou a se entender com o porteiro, e este comprovou que, por certo, Nena Daconte estava registrada no hospital, mas que só eram permitidas visitas nas terças-feiras, das nove às quatro. Quer dizer, seis dias mais tarde. (MÁRQUEZ, 2009, p. 240)

SD4: Tantas artimanhas racionalistas eram incompreensíveis para um Sánchez de Ávila e pura cepa, que apenas dois anos antes havia se enviado num cinema de bairro com o automóvel oficial do prefeito, e havia causado estragos de morte diante de dois policiais impávidos. Entendeu menos ainda quando o porteiro do hotel aconselhou-o a pagar a multa mas a não mudar o carro de lugar naquela hora, porque teria de muda-lo outra vez à meia-noite. (MÁRQUEZ, 2009, p. 243)

Os dias passavam e aos poucos Billy compreendia “que nunca lhe seria possível pedir manteiga ou ovos do jeito que fosse, porque nunca aprenderia a dizer, mas a manteiga era sempre servida com o pão, e os ovos cozidos estavam à vista no balcão e apanhava-os sem precisar pedir”. (MARQUÉZ, 2009, p. 244).

Segundo Canclini (2008), a ideia central sobre o que significa entrar e sair das culturas alheias é a percepção do conflito que se estabelece quando do processo de desterritorialização e reterritorialização. Nesse aspecto, Canclini faz uma referência a dois processos distintos, quais sejam: a) a perda da relação espontânea da cultura com os espaços geográficos e sociais e b) a ideia de ‘relocalizações territoriais’ relativas. Assim, é possível perceber a dimensão de tal conflito quando Billy relembra seu lugar, “do sabor do peixe frito e do arroz de coco. Lembrou-se

de sua casa com as paredes de trinitárias onde agora seriam sete da noite de ontem, e viu seu pai com um pijama de seda lendo o jornal no fresco da varanda”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 243)

Ao longo do conto, observamos na personagem Billy Sánchez um desbotamento acentuado e gradativo, – porém, não proposital – da relação natural com a sua cultura e com os espaços geográficos familiares. Quando este se encontra sozinho, relembra de particularidades da sua vida e de seu lugar em Cartagena do Caribe. A ideia de realocização territorial se dá aos poucos, ao longo da narrativa, quando, finalmente, Billy Sánchez inicia um doloroso processo de realocização. Processo também instintivo, uma vez que Nena Daconte – que falava francês e conhecia a cultura local – não ao estava ao seu lado, conforme exemplifica a SD5:

SD5: Na cafeteria de sempre percebeu que havia aprendido a cumprimentar em francês, e a pedir sanduíches de presunto e café com leite. [...]. Além disso, depois de três dias, o pessoal que servia estava familiarizado com ele, e o ajudava a se explicar. Assim, na sexta-feira na hora do almoço, enquanto tentava botar a cabeça no lugar, pediu um filé com batatas fritas e uma garrafa de vinho. Então, sentiu-se tão bem que pediu outra garrafa, bebeu-a até a metade, e atravessou a rua com a firme resolução de se meter no hospital à força. (MÁRQUEZ, 2009, p. 244, 245).

Em *O rastro do teu sangue na neve*, observamos a possibilidade de o sujeito adequar-se ao não-lugar pela necessidade de sobrevivência e não pelo sentimento de pertencimento ao lugar em questão, tal como ocorre com a personagem do conto. A Cidade Luz, alheia à sua solidão, representa para esse latino-americano a certeza de seu não-pertencimento, isto é, de um não-lugar que nunca se realiza completamente. Nesse livro de pedra² Billy Sánchez não é nada mais que um peregrino.

Observamos que na Paris perspectivada pelo jovem hispano-americano dada a ausência de sua amada, os acontecimentos se desenvolvem amiúde, num plano penoso e gelado. Nessa configuração, plasmado como sujeito desterritorializado, atordoado e solitário, sem o amparo de sua bússola Nena Daconte, Billy identifica, nesse não-lugar, aspectos unicamente negativos; apenas abandono e isolamento, que em nada, representa seu espaço idealizado ou seu lugar de identificação. Nas SDs abaixo, exemplificamos a visão negativa que Billy Sánchez tem da Cidade Luz:

² Segundo Walter Benjamin, (2008, apud: PESAVENTO, 2008), em *Paris, capitale de XIXe*, a cidade é um livro de pedra. Esse livro de pedra, discurso arquitetural, a cada época, entrega-se à leitura.

SD6: A Avenida General Leclerc era um nó infernal (MÁRQUEZ, 2009, p. 237)

SD7: Uma terça-feira típica dos janeiros de Paris, encapotados e sujos (MÁRQUEZ, 2009, p. 238)

SD8: Durante três dias caiu sem pausa a mesma garoa fina e suja (MÁRQUEZ, 2009, p. 248)

SD9: Uma água-furtada triangular no nono andar, aonde chegava-se sem fôlego por uma escada em espiral que tinha cheiro de couve-flor fervida. (MÁRQUEZ, 2009, p. 240, 241).

Podemos perceber que a referida apatia e indiferença de Billy Sánchez diante da beleza da capital francesa são pautadas também no sentimento de não-pertencimento pois ele não compartilha das senhas de identificação do lugar. Durante toda a viagem, Nena Daconte alertara seu marido sobre as armadilhas escondidas em Paris. Nena viajara durante a infância com seus pais por terras europeias e conhecia bem a França, tanto que afirmava não haver paisagens mais belas no mundo. Ela havia chegado a essa conclusão a partir das experiências vivenciadas na Europa e por isso afirmava:

SD10: 'Não há paisagens mais belas no mundo, mas você pode morrer de sede sem encontrar ninguém que lhe dê um copo d'água de graça'. Tão convencida estava que na última hora havia metido um sabonete e um rolo de papel higiênico na frasqueira, porque nos hotéis da França nunca havia sabonetes e o papel nas privadas eram os jornais da semana anterior cortados em quadrinhos e pendurados num gancho. (MÁRQUEZ, 2009, p. 235)

Na visão e experiência de Nena, apesar de toda a beleza e progresso extraordinários, o estrangeiro em Paris estaria, paradoxalmente, propenso a passar por grandes dificuldades, caso desconhecesse os 'códigos e senhas de acesso' à cultura francesa. Tão logo se viu sozinho, Billy Sánchez percebeu a dimensão das observações de Nena Daconte a respeito das marcas culturais daquele povo. Pelo fato de não falar aquela língua estrangeira – francês – e não dominar nenhum dos códigos identitários daquela nação, Billy não conseguiu avaliar a extensão dos problemas que decorreriam em razão desse hiato cultural. O contingenciamento de tais aspectos, colocou Billy num limbo de alienação comportamental e cultural, pois, enquanto Nena mantivera o controle das situações adversas durante a viagem, ele permanecera no mesmo êxtase frenético proporcionado pelo presente de casamento que recebera do pai: um automóvel novo, modelo *Bentley*, conversível, revestido em couro legítimo. Estivera tomado pela futilidade das conquistas materiais.

Até o momento em que chegam à Paris, Billy ainda alimentava sua identidade de 'bandoleiro latino-americano domesticado'. Passado o primeiro deslumbramento provocado pela excitante viagem a bordo do *Bentley*, Billy Sánchez finalmente inicia –devido à ausência de Nena –, um processo atroz de amadurecimento emocional e cultural. Sem conseguir entrar no hospital e sem notícias da esposa internada havia três dias, Billy tentou invadir o hospital com a mesma selvageria que costumava usar nas aventuras com os amigos em Cartagena de Índias, como podemos ver a partir da SD abaixo:

SD11: O vigia seguiu-o, repetindo sempre a mesma pergunta em francês, e finalmente agarrou-o pelo braço com tanta força que o parou em seco. Billy Sánchez tentou se safar com um recurso de brigador, e então o vigia mandou-o à merda em francês, torceu-lhe o braço nas costas com uma chave mestra, [...] levou-o quase que suspenso até a porta, xingando de dor, e atirou-o como um saco de batatas no meio da rua. (MÁRQUEZ, 2009, p.245)

Após esse episódio traumático, ele passou a agir como Nena Daconte agiria caso estivessem juntos. Assim, “naquela tarde, dolorido pela lição, Billy Sánchez começou a ser adulto. Decidiu, como Nena Daconte teria feito, procurar seu embaixador”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 245). Finalmente, decidiu buscar ajuda na Embaixada da Colômbia em Paris, em uma tentativa inútil de ser auxiliado. Entretanto, nesse episódio, não foi a língua o elemento que desterritorializou o latino-americano, antes, a equivocada concepção cultural na fala e no olhar impassível do funcionário da Embaixada em relação ao estrangeiro. Vejamos a sequência que segue:

SD12: O funcionário que o recebeu no lugar do embaixador parecia acabado de se restabelecer por uma doença mortal, não só pelo terno de veludo negro, mas também pelo sigilo de seus gestos e a mansidão da sua voz. Entendeu a ansiedade de Billy Sánchez, mas recordou, sem perder a doçura, que estavam num país civilizado cujas normas restritas se baseavam nos critérios mais antigos e sábios, ao contrário das Américas bárbaras, onde bastava subornar o porteiro para entrar nos hospitais. ‘Não, meu caro jovem’, disse. Não havia outro remédio além de submeter-se ao império da razão, e esperar [...] (MÁRQUEZ, 2009, p. 246)

A SD12 acima aponta para a concepção do funcionário da Embaixada quando do julgamento de um estrangeiro, mais especificamente o latino-americano no conto de García Márquez. Podemos inferir que o empregado da Embaixada já estava relocalizado territorialmente, isto é, já havia absorvido a identidade cultural da outra nação e seus padrões normativos. Daí o discurso hostil com referências obtusas a padrões de comportamentos

americanos conhecidos e considerados censuráveis pelas demais nações denominadas ‘civilizadas’.

Tal comportamento do funcionário da Embaixada revigora o estereótipo reproduzido quando de uma aceção no plano comum a respeito de sujeitos imigrantes em vários territórios estrangeiros. Ao analisar tais fatos, recorremos ao crítico Homi Bhabha (2010), afirma que “na linguagem da economia política, é legítimo representar as relações de exploração e dominação na divisão discursiva entre Primeiro e Terceiro Mundo, entre Norte e Sul”. (BHABHA, 2010, p. 44). Podemos inferir então, que dentre tais relações, esteja também presente um par de oposições estabelecido entre o latino-americano/europeu, tal como nos apresenta García Márquez.

Mesmo sendo também latino-americano como Billy Sánchez, o funcionário da Embaixada se manifesta como sujeito relocizado e exprime essas marcas identitárias de cultura e sentimento de pertencimento e lugar em relação à Europa, mais precisamente à França-Paris. Talvez por essa razão, e indiferente à angústia de Billy, tenha acrescentado: “até lá, vá ao Louvre. Vale a pena”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 247). Dessa forma, podemos inferir que o sujeito relocizado manifesta sua necessidade de reconhecimento ao lugar em que agora vive, considerando que a referência ao museu do Louvre denuncia um conhecedor dos lugares de memória da cidade luz. Esse monumento constitui-se como marca identitária de Paris, pois, segundo Pesavento (2008, p. 10), “o monumento é algo que se erige como um lugar de memória, como um marco significativo de referência para a rememoração, o que implica escolhas, tomadas em uma época dada.”

Nas últimas páginas do conto, o narrador nos relata que, quando, finalmente, conseguiu entrar no hospital, Billy Sánchez descobre que sua esposa, Nena Daconte, morrera cinco dias antes, setenta e duas horas após a entrada na emergência do hospital. Descobre também que durante as 48 horas que se sucederam à morte de Nena, ele havia sido o homem mais procurado da França e atordado por tais pensamentos “Foi embora sem se despedir, sem nada a agradecer, pensando que a única coisa que necessitava com urgência era encontrar alguém para arrebentar a correntadas, para se desquitar de sua desgraça”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 252). Desterrado de seu lugar, sem características identitárias à sua volta e castigado pela experiência atroz que o amadurecera, Billy Sánchez legitima o seu não-lugar.

Considerações finais

Podemos dizer que a morte de Nena Daconte fez parte da vida de Billy Sánchez redimensionando sua construção identitária. Em *O rastro do teu sangue na neve*, o narrador intradieético, ou melhor, o narrador-investigador nos revela, numa combinação de narrativa literária e jornalística, a mudança de perspectiva do sujeito desterritorializado e ausente do seu lugar. Essa mudança ocorre numa esfera temporária, posto que o lugar da personagem Billy Sánchez – Cartagena de Índias – permanece; isto é, seu lugar e o sentimento de lugar nunca se extinguem. Por outro lado, o paradigma de relocalização não chega a se concretizar, ou seja, o não-lugar – Paris – nunca se realiza.

Ao longo do conto, percebemos a gradativa transformação desse latino-americano, de adolescente bandoleiro a homem adulto e sujeito desterritorializado. O caminho percorrido por ele desvenda um processo que vai desde o sentimento de não-pertencimento ao território estrangeiro – Paris – até a sustentação das marcas identitárias que confirmam seu lugar. Afinal, era a primeira vez que saía de sua terra e, por isso “a primeira visão de uma cidade diferente da sua, [...] as árvores peladas, o mar distante, tudo ia aumentando um sentimento de desamparo que ele se esforçava por manter à margem do coração”. (MÁRQUEZ, 2009, p. 232)

O conto de García Márquez aponta para as marcas da identidade cultural do sujeito desterritorializado e que não compartilha com a sociedade em volta, daqueles símbolos, códigos, senhas culturais e valores propostos entre os locutores. Para além das marcas identitárias, o conto mostra também a possibilidade do sentimento de pertencimento quando da ausência do lugar. Nesse sentido, o não-lugar permanece como transitório. Através do discurso literário, entre o real e o ficcional, García Márquez denuncia como o latino-americano é (des)cuidado pela Cidade Luz quando este não conhece seus códigos culturais, quando não se identifica com a cultura nacional.

À guisa de uma conclusão e na tentativa de argumentar que o mundo moderno e suas paisagens transitórias plasmam em formas, “Talvez cada colocação devesse terminar por um ponto de interrogação [...]. Pede-se ao leitor que as supra”. (TUAN, 1983, p. 08). Nesse sentido, inferimos que dentre os atuais pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais propostos por Canclini (2008), tais como: tradição/modernidade, local/global, norte/sul, quiçá possamos, a partir dos recentes Estudos Culturais, incluir nesses espaços, outros pares de oposições, quais sejam: latino-americano/europeu e lugar/não-lugar, temáticas abordadas nesse artigo.

Referências

- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2007.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. 5. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Trad. Ana Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.
- CORACINI, M. J. Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português. In.: CORACINI, M. J. (org.). *Identidade e discurso*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- FIGUEIREDO, E. e NORONHA, J. M. G. *Identidade nacional e identidade cultural*. Revista cidadania: novos temas, velhos desafios. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- MÁRQUEZ, G. G. *Doze contos peregrinos*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record. 2009
- PESAVENTO, S. J. *História, memória e centralidade urbana*. Revista Mosaico, Pelotas, v.1, n. 1, p. 3 - 12, 2008.
- _____. *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura*. Revista de História da Educação ASPHE/FaE, Pelotas, n. 14, p. 31- 45, 2003.
- SILVA, T. T. (org.). *Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1986.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.